

ISSN 2316-7785

PROFESSOR DE MATEMÁTICA E EDUCADOR ESPECIAL: UM PASSO PARA INCLUSÃO

Karen Rodrigues Copello
Universidade Federal de Santa Maria
karen_keruso@hotmail.com
Debora Silvana Soares
Universidade Federal de Santa Maria
deh.soares88@gmail.com
Ane Carine Meurer
Universidade Federal de Santa Maria
anemeurer@gmail.com

RESUMO

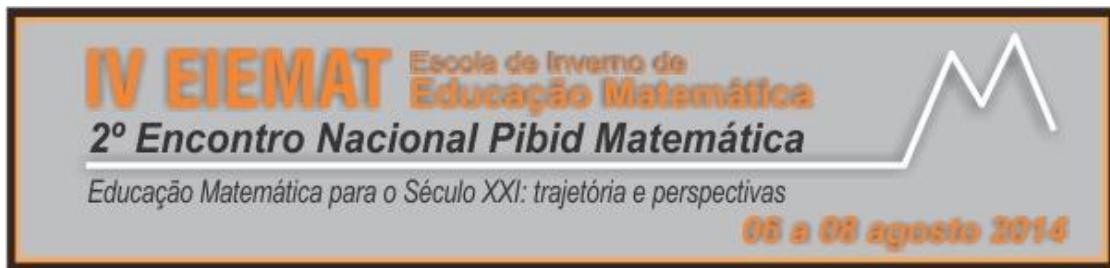
Este trabalho traz algumas considerações sobre a inclusão nos anos finais do ensino fundamental e sobre a interação que precisa existir entre o professor de matemática e o educador especial. Estas reflexões originaram-se a partir de observações, realizadas em 2012, das aulas de matemática que ocorreram na turma do sexto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande situada em Santa Maria, e embasaram-se em algumas leis e autores que estudaram a inclusão. Sendo assim, inicialmente, abordaremos o ponto de vista destes autores e, em seguida, apontaremos a metodologia e os resultados. Para finalizar, nas considerações finais, serão apresentados alguns desafios para a formação do professor de matemática que precisa estar preparado para atender alunos especiais.

PALAVRA CHAVE: Inclusão; Professor de Matemática; Educador Especial.

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão Tem por objetivo trazer algumas considerações sobre a escola inclusiva que surgiram a partir da observação que foi realizada em uma turma do sexto ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande, localizada em Santa Maria, RS.

Esta turma possuía um aluno com déficit cognitivo que estava na sala de aula e deveria participar de todas as atividades junto com os colegas, como está previsto na lei nº 9.394/96 que obriga os alunos especiais a estarem na aula com os demais alunos e participarem de todas as tarefas propostas juntamente com eles.



A constatação deste fato, aliada a pouca oferta de disciplinas que trabalhem a inclusão no curso de licenciatura em matemática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), gerou alguns questionamentos sobre a formação do professor de matemática para atuar nessa escola inclusiva.

Sendo assim, este trabalho justifica-se por tratar de um problema que cada vez se torna mais aparente na sala do professor de matemática visto que este precisa refletir, questionar-se e preparar-se para trabalhar com alunos diferentes.

Em primeiro lugar, serão apresentadas algumas colocações sobre a inclusão e alguns autores que a estudaram, pois se faz necessário conhecer a maneira como ela foi planejada para que se avalie e questione como ela está acontecendo. Logo depois, será colocada à metodologia utilizada para, por fim, apresentar os resultados e as conclusões.

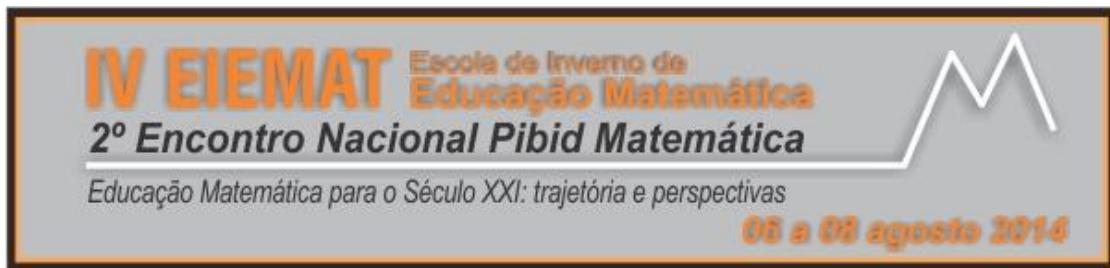
A INCLUSÃO NO PAPEL

No decreto 6.949 de 25 agosto de 2009, no artigo 24, paragrafo1º consta que o Estado deve garantir que:

As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino primário gratuito e compulsório ou do ensino secundário, sob alegação de deficiência(BRASIL,2009,p.12).

Na lei de Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação(BRASIL 2013,p.42), quando descreve a Educação Especial, afirma que o aluno com necessidades especiais deve estar matriculado no ensino regular e, paralelo a este, ter um atendimento especializado que busque complementá-lo, ou seja, as escolas devem se moldar aos padrões inclusivos e proporcionarem o desenvolvimento deste aluno. Para que isto ocorra, o professor da rede regular deve adotar uma pedagogia dialógica estimulando as potencialidades de cada aluno e o educador especial deve auxiliar este professor, observando as dificuldades e sugerindo maneiras de promover a acessibilidade.

Para Montoan (1993), a inclusão dá um incentivo a mais para que o professor se aperfeiçoe, pois terá de adequar práticas pedagógicas para que o aluno consiga



progredir, além de contribuir para os demais colegas aprenderem a ajudar o outro e não serem preconceituosos com as diferenças, mas sim conviver de forma respeitosa.

Montoan (1993) ainda traz uma citação de Forest et Lusthaus (1987, p.6) que complementa sua fala com uma explicação sobre o caleidoscópio: “O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que o compõem. Quando se retira pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. As crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado” (MONTOAN, 1993, p.5).

Sobre a organização desta escola, Montoan (1993) afirma que:

As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.

A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (MONTOAN, 1993, p.4)

Para que a escola seja inclusiva, é necessário que toda a comunidade escolar mude, começando pelo projeto político pedagógico que deve considerar todos os alunos como pessoas capazes de aprender, mesmo que com ritmos e necessidades diferentes e, baseados nisso, desenvolver meios para que ocorra a aprendizagem. Os professores de matemática e das demais áreas precisam dar aulas diferentes do método tradicional, buscando atividades que proporcionem o desenvolvimento de todos os alunos, tendo a ajuda do professor da educação especial para auxiliá-lo com as dificuldades dos alunos especiais. É um novo modelo de escola.

METODOLOGIA

As observações eram participativas, para que se pudesse conhecer o desenvolvimento do aluno e poder observar a sua visão. A participação se dava à medida que a professora distribuía uma tarefa ao aluno e solicitava que o ajudassem.

Elas ocorreram nas aulas de matemática, pois a intenção era observar como ensinar essa disciplina tão abstrata para um aluno especial sem o excluir, e também porque o objetivo era questionar os colegas deste curso. Antes de serem feitas tais



observações, houve um contato com a escola e com seu projeto político pedagógico e algumas conversas livres com a professora de matemática.

Como as observações eram feitas somente pela acadêmica do curso de matemática, depois eram realizados conversas e debates sobre o que estava acontecendo com os demais colegas e assim surgiram os resultados.

A INCLUSÃO NA PRÁTICA

Do discurso à prática existe um longo caminho a ser percorrido, infelizmente, muitas vezes, a realidade que se vivencia nas escolas não é exatamente aquela que gostaríamos. É preciso, nesse sentido, trazer a foco as dificuldades enfrentadas na formação dos professores, no pouco tempo que há entre a comunicação entre professores das áreas específicas e educadores especiais. Ao pensar nos desafios e nas formas de trabalhar em conjunto, sem dúvidas o aprendizado dos alunos com necessidades educacionais especiais seria uma prática mais natural, mais de acordo com suas necessidades e, principalmente, respeitando seu tempo de aprendizagem.

A inclusão está em cada escola, em cada sala de aula, mas não há o preparo para tal. Não é um posicionamento que venha contra as práticas inclusivas, bem pelo contrário, que tenta ver a inclusão de forma real, na qual o aluno aprenda, evolua e dê significado ao que está se apropriando em sala de aula. Não temos como ter a inclusão sem o trabalho de um educador especial, que ajude o professor, lhe mostrando alternativas variadas para aquele aluno. Não cabe ao educador especial o ensinar conteúdos, mas é claro seu papel na hora de criar estratégias diversificadas que ajudem o professor a trabalhar com este aluno. Se o educador especial tiver a abertura por parte dos professores das áreas específica e mesmo assim não tiver o contato com estes, não conseguir dialogar, nem mesmo auxilia-lo quando lhe é solicitado, a realização de um trabalho de inclusão se torna impossível.

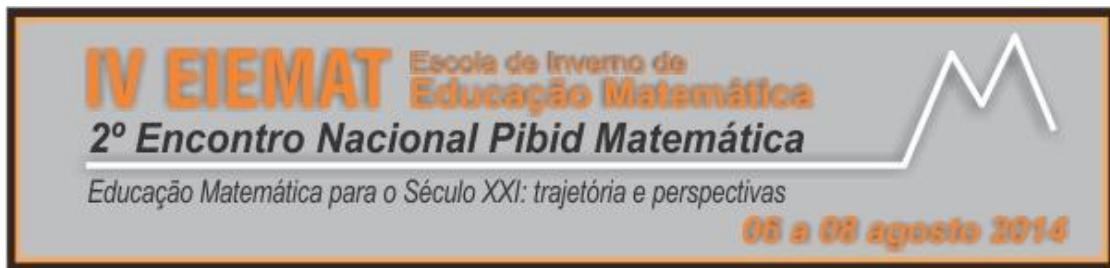
Esse mesmo viés também nos faz pensar em que momento as práticas educacionais que são utilizadas, por exemplo, no caso de um aluno com déficit cognitivo, passam de uma mera forma de ocupar um aluno em uma sala regular e



passam a ser uma estratégia, uma metodologia utilizada em sua aprendizagem. É fato que muitas vezes a falta de conhecimento do professor o leva a pedir socorro, mas o que ainda traz a perplexidade é que ao invés dessa ajuda vir de uma forma construtiva, ela acaba sendo apenas uma forma de fazer com que o aluno se ocupe dentro da sala de aula, para que assim não “atrapalhe” o desenvolvimento do resto da turma. Isso é inclusão? Não, isto apenas é integração, onde o aluno se adapta ao cotidiano de uma turma, sem serem levadas em consideração suas necessidades de aprendizagem nem mesmo sua capacidade para tal.

A inclusão preza pela prática de uma metodologia adequada, na qual os professores devem pensar cada vez mais no como fazer, como trazer a sala de aula um trabalho que seja construtor de conhecimentos a esse aluno. Talvez o aluno não consiga acompanhar conteúdos elaborados da área de matemática, por exemplo, mas isso não quer dizer que não possa haver uma adaptação, não apenas de atividades, mas até mesmo no conteúdo dado por esse professor. Se nosso aluno não conseguir entender geometria, então coloquemos a ele conceitos menos complexos, mas que possam lhe dar uma visão a partir do que trabalhará em seu dia-a-dia. Nesse momento que se torna fundamental o trabalho do educador especial. Necessariamente, este deverá estreitar seu diálogo com os colegas das demais áreas e que estão diretamente com esse aluno em sua sala de aula. É necessário um planejamento por parte dos dois docentes que busque, inicialmente, mostrar a este aluno os conhecimentos básicos da matemática, para então, com o tempo, ir evoluindo ao apresentar conceitos mais elaborados, mas que ainda sejam reais às condições de aprendizagem do aluno.

O aluno aprende, mas para isso necessita desenvolver estratégias para tal aquisição que sejam de real benefício e não apenas seja dada a este como uma forma de mantê-lo distraído em uma sala de aula. O trabalho com atividades adaptadas é necessário, assim como é preciso a compreensão de que este aluno carece de uma forma diferenciada de avaliação. Avaliar seu desenvolvimento, bem como todas as evoluções que alcançou, e não apenas o conteúdo assimilado, seria mais justo e inclusivo. Não que os conteúdos devam ser esquecidos, ou que tenham menos importância, pelo contrário



acredita-se que todo conteúdo tem seu propósito para o saber, mas no caso da inclusão é seria necessária uma avaliação do desenvolvimento e não da quantidade de matérias aprendidas pelo aluno, até porque devemos ser realistas ao saber que talvez nosso aluno ainda não tenha desenvolvido as habilidades necessárias para fazer um raciocínio tão aprimorado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

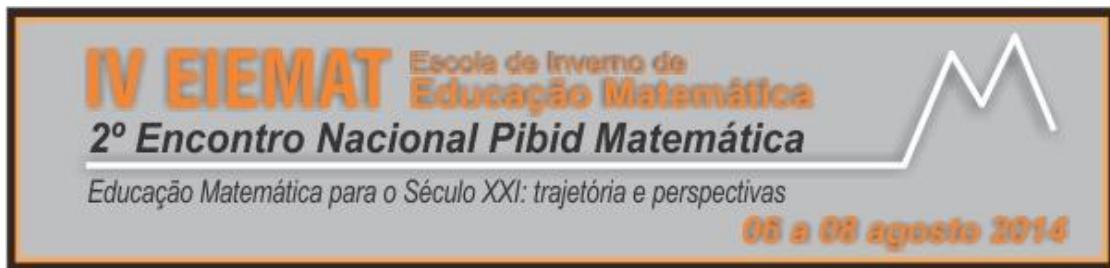
Chega-se então a conclusão de que para que a inclusão ocorra é necessário que os professores não tomem uma postura crítica, que desmereça este processo, mas sim que reflitam sobre as necessidades dos alunos e que se disponha a observarem o novo, a questionarem junto com o educador especial e montarem com ele uma ação que promova o desenvolvimento do aluno.

Cada um, professor da área e educador especial, precisa cumprir seu papel para que juntos ajudem o discente a se desenvolver.

Para isso, o professor de matemática terá que abrir mão de certos conteúdos ou maneiras de passar essa matéria e se deixar ser auxiliado pelo educador especial, este, por sua vez, terá de compreender a “falta de jeito” que o professor da área tem e ajudá-lo a lidar com uma turma que tem pessoas com necessidades e dificuldades diferentes e que precisam aprender certos conteúdos.

Não basta dizer que a inclusão não está cumprindo, muitas vezes, seu papel, é preciso detectar os erros, refletir e mudar nossas ações e pensamentos para fazer com que a escola se torne realmente inclusiva e para que o aluno com deficiência, seja ela qual for, tenha a oportunidade de crescer e ser um cidadão.

Quem faz um curso de licenciatura plena em matemática ou qualquer outra área, pode dizer que não escolheu a pedagogia, mas sim ser professor, ensinar, colaborar na formação de um cidadão, então não é aceitável deixar um aluno excluído e não ensinar tudo o que ele pode compreender.



A inclusão é sim um desafio para a formação do professor de matemática, pois quanto mais cedo este começar a discutir este assunto e pensar na sua ação frente este aluno, melhor será sua atuação na sala de aula e melhores serão os resultados alcançados.

Porém, mesmo que a universidade não propicie interação entre este e o educador especial, o futuro professor precisa buscar desenvolver estes conhecimentos, pois uma sólida formação depende deles.

É necessário que ele pense na inclusão e principalmente a entenda, porque o professor pode excluir seu aluno ou incluí-lo, dependendo da sua aula.

Cabe ao professor acreditar e não desistir do aluno para que este possa desenvolver o seu potencial, pois todos os alunos são cidadãos e tem direito a educação, a vida, e uma vida digna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Decreto n° 6.949 de 2009. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>, Acessado em 30 de abr. 2013.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Disponível em <file:///C:/Documents%20and%20Settings/cliente%20butisom/Meus%20documentos/Downloads/diretrizes_curriculares_nacionais_2013.pdf> Acessado em 23 de jul. 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér . **Integração x Inclusão: Escola (de qualidade) para Todos.** Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, Departamento de Metodologia de Ensino. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade - LEPED/UNICAMP:1993.